

EDSON LUIZ ANDRÉ DE SOUSA



A burocratização do amanhã: utopia e ato criativo

RESUMO

Este texto desenvolve uma reflexão entre a tensão das forças conservadoras e repetitivas nos processos da vida e o ato de criação como motor vivo de novos movimentos. Partindo do conceito de princípio esperança desenhado pelo filósofo Ernst Bloch, propomos um diálogo inicial com um conto de Kipling. Desenvolvemos uma reflexão sobre os conceitos de poder constituinte e constituído desenvolvidos por Antonio Negri. Tentamos demonstrar que o ato criativo é, ao mesmo tempo, um ato político e um ato utópico. Na medida em que a criação consegue romper com estes campos instituídos, compactos, anestesiados pelo senso comum é que podemos ter acesso a novas imagens. O pensamento poético, portanto, faz explodir os modelos.

PALAVRAS-CHAVE

Utopia, ato de criação, poder constituinte, psicanálise.

A BUROCRATIZAÇÃO DO AMANHÃ: UTOPIA E ATO CRIATIVO

"A noite avança, mas os sonhos não" ¹

Richard Serraria

*"Quando o amor intervém, e a alegria se desprende da tristeza,
então o ser se renova"*

Antonio Negri

O clássico de Ernst Bloch, "O Princípio Esperança" publicado pela primeira vez na Alemanha em 1959 é como o sol que surge no meio das cinzas da hecatombe da II guerra mundial, já que escreveu o livro no exílio durante a guerra. Depois de tanta destruição, que pensamento poderia nos reorientar? Bloch aceitou o desafio. Logo no início do livro em um capítulo que ele intitulou "pequenos sonhos diurnos", encontramos a seguinte passagem:

"... Uma criança agarra tudo para encontrar o que tem em mente. Joga tudo fora, está incessantemente curiosa e não sabe pelo quê. Mas no novo já vive aqui, o outro com o qual se sonha. Meninos destroem o que lhes é presenteado: eles buscam por mais, desembrulham-no. Nenhum menino poderia dizer o que é e jamais o terá recebido. Assim, o que é nosso se esvai, ainda não comparece.²".

Imaginemos que este menino que destrói seja Charlie Mears. Charlie tem 20 anos, é bancário e filho único de sua mãe viúva que vivia no norte de Londres. Charlie apesar das adversidades em sua vida era um sonhador e imaginava um dia tornar-se um grande escritor. Personagem central de um conto de Rudyard Kipling intitulado "A história mais bela do mundo", Charlie encontra um escritor e revela a ele suas aspirações literárias. Mostra com insistência tudo que escreve, mas o escritor não se entusiasma nem um pouco: "Ele rimava "flor" com "amor" e "lua" com "tua", acreditando piamente que tais rimas jamais haviam sido feitas³". Charlie tinha muitas idéias e, especialmente para uma delas, precisava de um espaço para criar. Pede para o grande escritor lhe emprestar por algum tempo sua casa e sua mesa para que pudesse dar forma a idéia. Diz ele: "Na casa de minha mãe não tem lugar para escrever"⁴. Bela passagem que mostra o quanto

¹ Retirado da música "Bebi meus Dias" de Richard Serraria, Bataclã FC, do CD Armazém de Mantimentos, Porto Alegre, 2002.

² BLOCH, Ernst. O Princípio Esperança, Vol I, Tradução Nélcio Schneider, Rio de Janeiro: Editora da Uerj e Editora Contraponto, 2005, p. 29.

³ KIPLING, Rudyard. A história mais bela do mundo, Tradução Pedro Sússekind, Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2000, p. 128.

⁴ KIPLING, R. op. cit.p.129.

Charlie precisava de um “fora de casa” como lugar de produção. Buscava se afastar deste excesso de familiar. Neste trânsito buscaria uma condição de alteridade e do exílio como condição de possibilidade da obra. Aqui, neste contexto, o familiar é uma espécie de burocratização do amanhã, já que é território do mesmo, da reiteração de circuitos repetitivos. O escritor cede sua casa e Charlie se lança ao trabalho. Escreve muito, contudo ao ler seus textos percebe que o resultado não lhe agrada. O escritor ainda tenta animá-lo dizendo que precisava cortar muitas passagens do texto. Mas Charlie reage prontamente dizendo que detestava mutilar suas coisas.

A presença de um outro surge aqui como corte abrindo ao jovem a possibilidade de um novo olhar sobre sua produção. Novos territórios onde o corte do outro busca esvaziar parcialmente um excesso de “si mesmo”. A mutilação proposta abre espaços de descontinuidade no texto de Charlie. Ele resiste. Um amanhã burocratizado não aceita tão facilmente ser mutilado em seus rituais. Kipling nos apresenta a clássica questão do quanto a forma é fundamental para que se possa apresentar uma idéia. O escritor, muito entusiasmado com a idéia de Charlie, se propõe a escrever mas, constrangido, se dispõe a pagar ao jovem uma quantia em dinheiro. Charlie não aceita o dinheiro. Para ele, era suficiente a alegria de ter uma idéia sua trabalhada pelo escritor que ele tanto admirava. Cede, contudo aos argumentos que com este dinheiro poderia comprar alguns livros de bons escritores. Charlie “encantado com as míseras cinco liras, partira para comprar as idéias de outros homens, com a expectativa de que o ensinassem a escrever”⁵.

Charlie narra uma estória que se passa em um navio de escravos. Ele nunca vira o mar e no entanto sua narrativa é plena de detalhes. A imaginação do jovem cria esta nova realidade. Tudo indicava que a parceria seria perfeita não fosse a distração que começou a tomar conta do jovem com as leituras que fazia. Estava tão envolvido com seus novos livros que acabara se desinteressando por sua estória e irritando profundamente o escritor. Este ficava ansiosamente esperando por mais detalhes e Charlie sempre distraído em suas leituras. Diz o escritor arrependido: “Meu desejo era que todos os poetas ingleses fossem apagados da memória humana”⁶. Assim a história mais bela do mundo fica interrompida e não pode ser concluída. Kipling, ao escrever este texto, nos apresenta, portanto, o êxito de um fracasso. Não seria esta a função ética da utopia de nos responsabilizar pelo que fracassa? Nenhuma burocracia tolera tal procedimento. Louis Marin enfatiza que a utopia faz emergir a face de sombra da ordem estabelecida, em uma ficção⁷.

Ernst Bloch insiste a tal ponto na reflexão sobre a utopia que chega a dizer que ela é a categoria filosófica do século XX. Diante do amanhã não temos garantia.

Entrar em cena é entrar na história. Refletir qual história que somos cúmplices é fundamentalmente pensar. Pensar, como nos lembra Ernst Bloch em seu princípio esperança, é transpor⁸. Precisamos estar atentos às formas de transposição que construímos. O amanhã nos acossa. Temos medo quando não sabemos. Portanto, o

⁵ KIPLING, R. op.cit. p.137.

⁶ KIPLING, R. op. cit. p. 146.

⁷ MARIN, Louis. apud. VERNER, Lorraine. L'utopie comme figure historique dans l'art in: L'art au xxe siècle et l'utopie, Paris, L'Harmattan, 2000, p.188.

⁸ BLOCH, Ernst. O princípio esperança, Rio de Janeiro, Editora da Uerj e Contraponto, 2005, p.16.

saber vem por vezes legitimar a reclusão que nos impomos diante do desconhecido. Para nos defendermos não precisamos muito: basta insistir na lógica do ontem e assim confirmar que a continuidade dos princípios e dos funcionamentos legitima os adágios ontológicos de uma racionalidade insuflada pelas formas instituídas. Criar é abrir descontinuidades, interrupções neste fluxo do mesmo, neste abismo que o discurso reitera sobre a segurança que perderemos diante do risco. Mas quem perde? A variante psicológica não pode aqui ser negligenciada pois a passividade anda de mãos dadas com a tristeza que constata que tudo está sempre tão igual, e que há, enfim, alguém que pensa por nós, que faz por nós, e o que é pior, que vive por nós. Não há, portanto, revolta sem a alegria da invenção, sem o entusiasmo de compartilhar com o outro um sonho. Por isso, Walter Benjamin insiste de que a verdadeira catástrofe é que as coisas continuem como antes.

Precisamos pensar as formas de controle desta alegria e deste entusiasmo quando estes podem por em risco o layout da cena que devemos montar. Aqui entra em cena a reflexão sobre utopia e criação. A utopia que aqui evocamos não pode ser reduzida a uma banalização de sua força e significados históricos e que resultou em uma desqualificação zombeteira de seus propósitos. Marc Jimenez em seu texto “Imaginar a utopia” insiste que a idéia de utopia resiste as caricaturais tentativas de concretizações históricas que se reclamam dela⁹.

Antonio Negri propõe pensar o motor da ação comprometido com a criação e aberto infinitamente ao inacabado do processo como “poder constituinte”. Chama atenção, contudo, para as estratégias visíveis e invisíveis do “poder constituído” controlar esta ferida aberta em seu corpo. Como podemos suportar o inacabado dentro de um mundo em que o estilo da qualidade total e do prêt-à-porter se impõem? Vão sendo criados espaços de obediência, de servidão voluntária, de timidez, de descrédito das ações, da melancolia como a virtude serena do consumidor entregue aos fogos de artifícios escancarados nas vitrines: aquários modernos do sonho. As sobras deste mundo também fazem a festa dos peixes limpa-fundo que recolhem carinhosamente da frente dos condomínios, o lixo que garantirá o seu sustento, aliviando, em parte, a culpa do esbanjador que percebe uma generosidade involuntária nas migalhas que joga pela janela. Como estar no mundo sem precisar se adequar a ele e assim produzir uma outra espécie de sobra que desassossegue o sujeito o impelindo a reconfigurar o contorno do existente? Negri, insiste no poder constituinte como o monstro que aparece para renegar toda normalidade e declarar miserável a obediência a toda crença¹⁰. O que encontramos, portanto, entre estes dois poderes é uma tensão ruidosa entre “potência constituinte do trabalho vivo e o poder constituído do trabalho morto”¹¹.

Neste ponto poderíamos lembrar de outra tensão que encontramos na psicanálise e que orienta com muita propriedade a direção da interpretação analítica. Refiro-me a tensão produzida entre a lógica do significante e a lógica do significado. O significante, o

⁹ JIMENEZ, Marc (org.) *Imaginaire et l'utopie du XXI siècle*, Paris, Klincksieck, 2003, p.7.

¹⁰ NEGRI, Antonio. *O poder constituinte – ensaio sobre alternativas da modernidade*. Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2002, p. III.

¹¹ NEGRI, Antonio. *op. cit.* p. VII.

pensamos como abertura e desestabilização do sentido, como instaurando o inacabado e produzindo no sujeito, muitas vezes, a experiência da suspensão da significação: significante-enigma. O significado, por outro lado, seria o campo do saber instituído, dos planos feitos, dos fins de semana mornos e vazios.

O poder constituinte estaria, na álgebra de Negri, muito próximo da lógica que anima os processos de criação, os quais resistem com unhas e dentes às determinações reducionistas das significações instituídas. Vejamos como ele o define:

“O poder constituinte se define emergindo do turbilhão do vazio, do abismo da ausência de determinações, como uma necessidade totalmente aberta. É por isto que a potência constitutiva não se esgota nunca no poder, nem a multidão tende a se tornar totalidade, mas conjunto de singularidades, multiplicidade aberta¹².”

Este poder deriva das condições de enunciação do sujeito. “Deriva” que desconhece qual o ponto de destino do percurso. Viagem, portanto, sujeita a todas as surpresas. Viagem-poiética. Neste processo de criação poderíamos sublinhar duas articulações essenciais:

Ato criativo como ato político;

Ato criativo como ato utópico, mas uma utopia que não se apresenta como constituída. Utopia, portanto, próxima as definições de Negri de poder constituinte, assinalando aquilo que faz mal-estar ao redirecionamento das forças de vida.

Sabemos que uma das formas mais tirânicas do controle é instituir uma homogeneização das formas. Tal controle para se sustentar precisa buscar sua legitimação em alguma racionalidade. Vestir um funcionamento com a roupagem da razão é como levar ao forno uma peça de argila. O moldável se paralisa, se petrifica e a única chance que temos de transformá-lo é mesmo jogá-lo ao chão para que se quebre.

“O poder constituinte é a capacidade de retornar ao real, de organizar uma estrutura dinâmica, de construir uma forma formante que, através de compromissos, ordenações e equilíbrios de força diversos, recupera sempre a racionalidade dos princípios, ou seja, a adequação material do político em relação ao social e ao seu movimento indefinido¹³.”

Aqui novos horizontes se abrem. O retorno do real produz efetivamente uma certa dimensão traumática no sistema instituído já que este real dissolve o encantamento paralisante de certas ideologias do poder. Podemos, sim, pensar o real no sentido que

¹² NEGRI, Antonio. op. cit. p.26.

¹³ NEGRI, Antonio. op.cit. p. 423.

Jacques Lacan define quando apresenta sua trilogia imaginário, simbólico e real. O real é o que nos coloca diante do limite do dizível: o inarrável, o imponderável, o desassossego radical que a angústia nos joga. Aqui, este real é necessário como a maré que apaga as pegadas na areia e assim outra escritura e percurso é possível. Vejo a utopia nesta função: um desassossego do presente acossado pela responsabilidade com o amanhã.

Por outro lado, a *forma formante* resiste a condição moralista do dever ser. Não se trata de uma forma que dita instruções e que se apresenta como definitiva buscando, por um efeito de captura mimética, dar aos sujeitos a sensação de que estão na justa medida da vida. Aqui temos o tom que nos permite pensar a função vital da utopia não como a forma última do paraíso, mas a necessidade ética de buscar um outro mundo a partir de uma crítica ao presente. Elida Tessler fala em “afrouxar a forma”¹⁴. Buscamos a forma como efeito do ato, do ato de criação, ou seja, um fazer que só se faz fazendo e informa ao sujeito, a partir de sua obra, os horizontes que se desenham em seu trabalho. O ato criativo adquire necessariamente uma potência crítica e de desequilíbrio dos saberes vigentes¹⁵.

Este é o trabalho da criação que sabemos é inesgotável. Negri sublinha que o trabalho que surge a partir do poder constituinte “entrará em confronto com o trabalho morto acumulado pelo poder. É nesta crise contínua, porém, que o poder constituinte vive, em busca de seu próprio devir”¹⁶. Portanto, segundo ele, o poder constituinte se traduz em projeto criativo. Aqui evidentemente nos salta aos olhos a relevância do papel da arte na reflexão de Negri.

Impossível manter um compromisso com o amanhã sem o alimento da esperança. Sempre que o futuro se radicaliza em um projeto único uma sombra cai sobre o amanhã. Portanto, criar é sempre criar um futuro, um horizonte que exige de nós uma liberdade mínima para um fazer irreverente.

Com freqüência se critica a utopia pelo seu formalismo estéril construindo castelos no ar e literalmente paralisando o sujeito que espera por um futuro que nunca chega. Duas objeções poderíamos fazer a tais comentários:

- 1) Em primeiro lugar, a confusão de pensar a utopia como formulação de ações antecipadas. A utopia diz de uma insatisfação do presente e fundamentalmente de um desejo de transposição. Determinar o percurso a ser feito é aniquilar o fundamento mesmo da criação necessária ao agir.
- 2) Por outro lado, desqualificar o formalismo pode ser uma estratégia de defender um pragmatismo raso e que institui as formas do amanhã em princípios necessariamente unificadores, aparando as arestas da diferença, que como sabemos são fundamentais para manter vivo a chama crítica. Negri parece estar muito atento a este ponto chegando quase a defender a virtude do formalismo diante deste estilo de precipitação no mundo de forma cega. Diz ele:

¹⁴ TESSLER, Elida. Correspondência pessoal, inédito.

¹⁵ Ver neste ponto meu texto “Quando os atos se tornam formas” in: BARTUCCI, Giovanna. *Psicanálise, Arte e Estéticas da Subjetivação*, Rio de Janeiro, Imago, 2002.

¹⁶ NEGRI, Antonio. op. cit. p. 423.

“A grande vantagem das teorias formalistas consiste no fato que elas não intervêm na realidade dos objetos, de modo a submetê-la a esquemas unitários ou evolutivos (e sempre equívocos): elas intervêm nas condições necessárias para se pensar tais objetos¹⁷”.

Este ponto é fundamental pois abre espaço para a crítica das formas instituídas do saber. A psicanálise vem também enriquecer em muito o debate nesta questão ao esclarecer a diferença substancial entre saber e verdade¹⁸.

A desutopia constitutiva

Negri busca com este termo se opor a autoridade perversa e moralista da justa medida do sonho de cada um e do sonho coletivo. Mostra o inacabado constituinte de qualquer projeto de futuro. Sempre que me refiro a utopia é dentro desta perspectiva de inacabado e reinvenção permanente que imagino sua função. Todo movimento que procura ordenar a ação e apreendê-la exageradamente em metodologias secas acaba por aniquilar na raiz os desassossegos necessários e criativos. O controle silencia a invenção.

“A racionalização do sistema político consiste, pois, na estabilização dos seus elementos num esquema geométrico de controles. Os eventuais desequilíbrios que a história viva das sociedades pode determinar devem ser inseridos, eles próprios, num mecanismo de regulamentação ou de compensação, cuja função é a manutenção da ordem¹⁹”.

O que nomeei, portanto, como *burocratização do amanhã*²⁰ é uma forma de controle do tempo, daquilo que temos como mais precioso e que repentinamente nos vemos literalmente atropelados por ritmos de funcionamento que organizam nossa vida e nossa morte. Tempo/cartão ponto desenhando as rotinas que tanto preservamos e amamos. Por isto, a queixa que dirigimos a estes fluxos são fragmentos de discurso amoroso. Controlar o tempo é um dos instrumentos mais potentes da lógica do poder. Muitas das hegemonias que temos que enfrentar encontram sua justificação na esteira do racionalismo moderno: território instituído de uma burocratização do amanhã. Tempo que só pode ser pensado na lógica do mercado, do fluxo de valores de mercadorias, da velocidade das campanhas publicitárias, das linhas de tempo que mostram sempre com exemplos, a sabedoria do trabalho engajado defendendo no fundo uma teoria desenvolvimentista do progresso e a virtude da paciência e da espera. Este cenário, como sabemos, se mantêm mesmo que poucos sejam os escolhidos e apareçam como a nata de um caldo aquecido pelo sacrifício de muitos. Estes últimos, nos faz crer esta lógica de funcionamento, perderam a chance por pura incompetência de viver deles próprios.

NEGRI, Antonio. op. cit. p. 429.

Ver neste ponto o texto de Jacques Lacan. “Ciência e Verdade” in: Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

NEGRI, Antonio. op. cit. p. 434.

Remeto o leitor ao texto “A função do amanhã” de Hélio Ferverza que muito me inspirou em alguns passos desta reflexão. Trata-se de um capítulo do livro do referido autor “O + é deserto”, São Paulo, Escrituras Editora – Documento Areal 3, 2003.

“O tempo contínuo da racionalidade capitalista, sua progressão linear e sua tendência a reduzir a zero o mundo da vida apresentam-se como obstáculos insuperáveis: esta substância se infiltra no processo alternativo, minando-o em seu interior, impedindo-o de encontrar o lugar do real e obrigando-o, assim, a oscilar entre a utopia e o terror”²¹.

A utopia circunscreve, portanto, um território de crise. Temos que pensar a crise como valor positivo na medida em que produz uma fratura do presente. Para Negri, a desutopia constitutiva é um conceito possível do poder constituinte²². Utopia de um fracasso, fracasso essencial que continua a alimentar nosso sonho.

Romper esta burocracia é fundamentalmente produzir novas metáforas. A utopia, neste sentido, tem que ser pensada dentro de uma química das metáforas. O amanhã é uma experiência do quase e o desconhecido no qual ele nos joga nos força em alguns momentos a aniquilá-lo antes do tempo. Por vezes, anestesiemos a imaginação. Trabalho por excelência de todas as ideologias, na medida em que podemos conceituá-las como mecanismos de interpretação e de orientação para a práxis coletiva. Formas que aniquilam fundamentalmente o tempo. A crise busca recuperar parcialmente este tempo. Ela surge como a força da esperança. Esta crise é enunciada pela obra que encara o amanhã como um trabalho a ser feito e na convicção plena do inacabado de cada enunciado e formulação. No prefácio da coletânea de artigos que organizou em torno do tema “Imaginário e Utopias do Século XXI”, Marc Jimenez evoca o princípio esperança de Ernst Bloch, e sustenta que toda obra de arte teve, e ainda tem, uma janela utópica onde podemos ver uma paisagem no processo de constituição²³.

Toda utopia coloca em cena um desejo. Roger Dadoun propõe inclusive que possamos nomeá-la como desejo de utopia²⁴, cada um dos termos retornando sempre sobre o outro, encontro este que sabemos é fundamentalmente inconcluso. Claude Amey propõe pensar como espaço de associações livres e de desejo de apagar as aporias. Assim propõe pensar a utopia ao avesso, um pouco dentro da lógica que defende Dadoun²⁵. Nenhuma utopia pode prescindir de uma prática que é condição mesma de sua enunciação. Assim, ela não pode se dizer de todo antes da ação e ao mesmo tempo sabemos que esta ação é fundamental para seu conceito. Utopia como experiência de um fazer; experiência poiética²⁶ onde a forma se encontra, inúmeras vezes, ameaçada pelo informe do amanhã. A utopia seria manter o amanhã como informe. Contudo, os perigos são muitos, a sedução dos ideais absolutos paralisou as mentes inquietas que se renderam ao conforto de uma experiência regulada pelo poder. Amey quando se refere a arte contemporânea enfatiza que ainda se encontram utopias quando pode perceber um efetivo desejo de se desprender do “fluxo da cultura-mercadoria hegemônica”²⁷. A partir desta idéia, que atos de criação manteriam ainda o espírito utópico?

1. NEGRI, Antonio. op. cit. p. 438.

2. NEGRI, Antonio. op. cit. p. 441.

3. JIMENEZ, Marc. op.cit. p. 8.

4. DADOUN, Roger. Utopie: l'émouvante rationalité de l'inconscient. in: BARBANTI, Roberto (org.) L'art au XXe. siècle et l'utopie. Paris: L'Harmattan, 2000, p. 32.

5. AMEY, Claude. L'utopie à l'envers. in: JIMENEZ, Marc (org.) Imaginaire et l'utopies du XXI siècle. Paris, Klincksieck, 2003, p. 13.

6. Ver o artigo de René Passeron “Da Estética a Poiética” publicado na Porto Arte, nº 15, novembro de 1997.

7. AMEY, Claude. op. cit. p. 13.

A utopia, ou melhor, o desejo de utopia precisa colocar em cena novas metáforas. Precisamos cada vez mais de um pensamento poético que, uma vez instaurado, produz efetivamente um fazer político no sentido pleno da palavra. A produção poética revigora a língua, toca com coragem no limites do dizível, contorna com determinação as fronteiras do informe. Produz, portanto, um pensar contra. Assim busca esburacar o véu de cegueira que a racionalização e o tecnicismo contemporâneo nos impõem. Franz Kafka continua sendo um escritor de vanguarda abrindo com força a couraça do delírio de invulnerabilidade que o senso comum produziu na vida. Assim a obra produz novas significações implodindo os pensamentos compactos e eficientes das redes de comunicação. “O pensamento poético faz explodir os modelos”²⁸.

Desburocratizar o amanhã é fundamentalmente abrir brechas nesta antecipação cruel do tempo. Voltar a se inquietar com uma responsabilidade esquecida nos contratos assinados de trabalho e encontrar a força do agir em alguns contra-fluxos de pensamentos e ações. A burocracia tem o poder de naturalizar e acinzentar as idiosincrasias individuais. Toma a todos como o mesmo. Torna os procedimentos artificiais invisíveis e os incorporamos como óbvios. Aqui nos perdemos pois como lembra Hannah Arendt “ninguém questiona ou examina o que é obvio para todos”²⁹.

Hannah Arendt é muito clara ao situar a burocracia como uma das formas contemporâneas mais eficazes de dominação. Como ninguém pode ser tomado como responsável a burocracia fica entregue ao domínio de Ninguém.

“O domínio de Ninguém é claramente o mais tirânico de todos, pois aí não há ninguém a quem se possa questionar para que responda pelo que está sendo feito. É este estado de coisas, que torna impossíveis a localização da responsabilidade e a identificação do inimigo, que está entre as mais potentes causas da rebelde inquietude espraiada pelo mundo de hoje, da sua natureza caótica, bem como da sua perigosa tendência para escapar ao controle e agir desesperadamente”³⁰.

A confiança exagerada na técnica, no saber fazer, deixou o amanhã de mãos cheias de regulamentos, de projetos de ações, de estatutos, de bulas, de manuais de instruções. Com as mãos ocupadas com tantas prescrições não foi possível agarrar os vapores das novas idéias. Uma das técnicas que mais impressiona em nossos tempos são aquelas que dizem respeito a informação. Como sabemos, esta é efeito do impressionante progresso tecnológico nesta área. São muitos os movimentos artísticos e artistas que construíram seus trabalhos em torno deste eixo tentando mostrar o quanto tais procedimentos automáticos de ditar os sentidos, acabam se infiltrando no espírito mesmo das coisas. A técnica, portanto, automatiza o tempo e legisla sobre o

²⁸ CLANCY, Geniviève & TANCELIN, Philippe. La pensée poétique comme utopie in: JIMENEZ, Marc. op. cit. p. 196.

²⁹ ARENDT, Hannah. Sobre a violência, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999, p.16.

³⁰ ARENDT, Hannah. op. cit. p.33.

devir. Roberto Barbanti se preocupa principalmente com o fenômeno de interiorização da técnica e que acaba funcionando como um dos instrumentos mais eficazes de controle social.³¹ A ideologia tecnicista legisla sobre o traçado da linha divisória que separa os bons e produtivos cidadãos dos excluídos. O que se pode esperar de uma proposta artística coerente com estes tempos é de certa forma um esvaziamento de um excesso de sentido em qualquer fazer.

“Em nossa tecnoesfera a poluição de imagens é tão poderosa que somente a privação deste barulho de fundo constante e ensurdecidor e deste efeito de nevasca generalizada que nos cega, pode nos fazer perceber a que ponto estamos dependentes delas”³².

Como encontrar a justa medida na tensão permanente entre o presente e o futuro? Eduardo Giannetti em seu ensaio “O valor do amanhã” analisa duas posições possíveis em relação ao futuro: a subestimação do futuro que ele denomina miopia e a superestimação do futuro : a hipermetropia. Afirma ele:

“Se a miopia resulta de uma faculdade telescopia deficiente, em prejuízo de algum valor futuro, a hipermetropia reflete o jugo de uma faculdade telescopia até certo ponto tirânica e opressiva: a prevalência de comportamentos que buscam em tese resguardar valores futuros, mas ao custo de sacrificar muito além do que seria razoável a vida e o bem-estar correntes”³³.

A burocratização do amanhã é uma forma de dominar a esperança. Bloch vai nos mostrar que a utopia se anestesia quando o que foi suplanta o que está por vir, uma vez que “a aglomeração das coisas havidas obstrui totalmente as categorias de futuro”³⁴. Bloch lembra a pergunta inquietante de Lênin tentando desmontar a ilusão das esperanças inautênticas. Lenin em um texto intitulado “Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento” se pergunta provocativamente: “Com o que devemos sonhar?”³⁵ Assim aponta que mesmo o campo dos sonhos não está livre do controle das forças do poder. Quando temos nossos sonhos prescritos por um programa de vida qualquer, anestesiados a turbulência inventiva e irruptiva do futuro. Se produz aqui uma espécie de congelamento do tempo. Tal congelamento do porvir é uma estratégia de conter o medo, o pavor, a angústia, o horror do desconhecido. O desejo utópico, portanto, nos alimenta da coragem essencial do viver: aquela com a qual ainda seja possível reinventar um mundo dilatado e produzir novas configurações a partir do desequilíbrio das formas. Por isso, a utopia traz necessariamente ao mundo uma força de transgressão como afirma Louis Marin.³⁶ Esta transgressão, evidentemente, não se conforma com a

³¹ Sobre este ponto ver o artigo de Roberto Barbanti “L’art technocyber: la dérive technicienne de l’esprit utopique dans l’art du XXe. siècle. L’utopie à l’époque de l’ultramedialité”. in: BARBANTI, Roberto (org.) L’art au XX siècle et l’utopie, L’Harmattan, Paris, 2000.

³² BARBANTI, Roberto. op. cit. p. 159.

³³ GIANETTI, Eduardo. O valor do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 182.

³⁴ BLOCH, Ernst. op. cit. p.18.

³⁵ BLOCH, Ernst. op. cit. p. 18.

³⁶ Ver artigo de Lorraine Verner “L’utopie comme figure historique dans l’art” p. 188 in: BARBANTI, Roberto (org.) L’art au XX siècle et l’utopie, L’Harmattan, Paris, 2000.

burocratização do amanhã. A utopia muito mais do que uma enunciação positiva de um desejo levado a termo aponta para o que fica interrompido neste processo. Aí está justamente seu valor:

“O que nós não somos capazes de desejar ou de trazer para a figuração narrativa do sonho ou da fantasia utópica é muito mais significativo e sintomático do que os empobrecidos três desejos existentes de fato”³⁷.

A afirmação de Fredric Jameson é alentadora pois desmonta uma tendência do êxito da ação alicerçado na idéia de adição. Propõe que possamos pensar no valor a partir daquilo que é subtraído. Continua Jameson: “Historicamente, portanto, esse é o sentido em que a vocação da utopia é o fracasso, o seu valor epistemológico está nas paredes que ela nos permite perceber em torno das nossas mentes, nos limites invisíveis que nos permite detectar, por mera indução, no atoleiro das nossas imaginações no modo de produção”³⁸.

O ato criativo abre, portanto, uma descontinuidade em nossa imagem do amanhã. Criar é sonhar para frente, abrir as comportas inéditas do futuro, mesmo que este futuro seja a mais bela história do mundo que não pode ser escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMEY, Claude. L'Utopie à l'envers, in: JIMEMEZ, Marc. (Org.) *Imaginaire et Utopies du XXI Siècle*, Paris, Klincksieck, 2003.
- ARENDE, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- BARBANTI, Roberto (Org.). *L'art au XX siècle et l'utopie*, Paris, L'Harmattan, 2000.
- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança, Vol I*, Tradução Nélcio Schneider, Rio de Janeiro, Editora da Uerj e Editora Contraponto, 2005.
- CLANCY, Geneviève & TANCELIN, Philippe. *La pensée poétique comme utopie*, in: JIMEMEZ, Marc. (Org.) *Imaginaire et Utopies du XXI Siècle*, Paris, Klincksieck, 2003.
- DADOUN, Roger. *Utopie: l'émouvante rationalité de l'inconscient* in: BARBANTI, Roberto (Org.) *L'art au XX siècle et l'utopie*, Paris, L'Harmattan, 2000.
- JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*, Tradução: José Rubens Siqueira, São Paulo, Editora Atica, 1994.
- JIMEMEZ, Marc. (Org.) *Imaginaire et Utopies du XXI Siècle*, Paris, Klincksieck, Paris, 2003.
- KIPLING, Rudyard. *A história mais bela do mundo*, Tradução Pedro Sússekind, Rio de Janeiro, Editora Dantes, 2000.
- NEGRI, Antonio. *O poder constituinte – ensaio sobre as alternativas da modernidade*. Tradução de Adriano Pilatti, Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2002.



EDSON LUIZ ANDRÉ DE SOUSA é psicanalista, professor do PPG Psicologia Social e Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da UFRGS, Professor do PPG Artes Visuais UFRGS. Doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris VII. Pesquisador do CNPQ. Autor entre outros do livro “Freud”, Editora Abril, São Paulo, 2005.



JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*, São Paulo, Atica, 1994, p. 85.



JAMESON, Fredric. op. cit. p. 85.